

Princípios Alfabetizadores

Bianca Frank de Freitas e
Marilane Maria Wolff Paim





Princípios Alfabetizadores

Bianca Frank de Freitas e
Marilane Maria Wolff Paim





UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

BIANCA FRANK DE FREITAS
MARILANE MARIA WOLFF PAIM

PRINCIPIOS ALFABETIZADORES

Erechim

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PRODUTO DE PESQUISA

EXPEDIENTE

Diretor da UFFS Campus Erechim, RS

Luís Fernando Santos Corrêa da Silva

Coordenadora Acadêmica da UFFS

Sandra Simone Hopner Pierozan

Coordenador do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE)

Almir Paulo dos Santos

Professora Orientadora da Pesquisa

Marilane Maria Wolff Paim

Pesquisadora Principal

Bianca Frank de Freitas

Apoio para a pesquisa

Direção das escolas municipais e estaduais de Paraí/RS;

Professoras alfabetizadoras das escolas municipais e estaduais de Paraí/RS participantes da pesquisa intitulada “Concepções e práticas alfabetizadoras: uma visão das professoras do 1º e 2º ano das escolas públicas do Município de Paraí/RS”;

Corpo docente do Curso de Mestrado Profissional em Educação da UFFS - Campus Erechim.

Erechim

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freitas, Bianca Frank de
Princípios alfabetizadores [livro eletrônico] /
Bianca Frank de Freitas, Marilane Maria Wolff
Paim. -- Erechim, RS : Ed. das Autoras, 2024.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-96723-4

1. Alfabetização 2. Educação 3. Prática pedagógica
4. Professores e alunos 5. Professores - Formação
I. Paim, Marilane Maria Wolff. II. Título.

24-197549

CDD-372.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Alfabetização : Educação 372.41

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

“A alfabetização é uma ponte que leva da miséria à esperança. É uma ferramenta para vida diária na sociedade moderna. É um baluarte contra a pobreza, e um bloco de construção do desenvolvimento, um complemento essencial para investimentos em estradas, barragens, clínicas e fábricas [...] para todos, em toda parte, a alfabetização é, juntamente com a educação, um direito humano básico. A alfabetização é, finalmente, o caminho para o progresso humano e um meio através do qual cada homem, mulher e criança pode realizar o seu potencial”.

Kofi Annan, UNESCO.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
2. PRINCÍPIOS ALFABETIZADORES	2
2.1 CONHECER E DEFINIR AS CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO	3
2.2 CONHECER OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO.....	6
2.3 CONHECER E APLICAR METODOLOGIAS DIVERSIFICADAS	9
2.4 CONHECER A REALIDADE DO ALUNO	10
2.5 FUNÇÃO DOCENTE COMO MEDIADOR.....	13
2.6 PROPORCIONAR O ALUNO COMO PROTAGONISTA.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

Introdução

O presente documento é um produto originário da pesquisa intitulada “Concepções e práticas alfabetizadoras: uma visão das professoras do 1º e 2º ano das escolas públicas do município de Paraí/RS”. Essa pesquisa foi realizada nas escolas públicas do município de Paraí/RS com professoras das turmas de 1º e 2º ano.

A pesquisa tinha como objetivo geral investigar as concepções de alfabetização presentes nas práticas pedagógicas das professoras do ciclo de alfabetização (1º e 2º ano) da rede pública do município de Paraí/RS. Já os objetivos específicos foram: compreender como os processos de alfabetização se desenvolvem; conceituar os métodos de alfabetização; identificar quais as concepções de alfabetização estão presentes nas práticas pedagógicas das professoras do 1º e 2º ano do ensino fundamental; registrar como ocorrem as ações pedagógicas das professoras alfabetizadoras; e desenvolver um documento norteador com princípios alfabetizadores. Foi a partir do último objetivo proposto que surgiu este documento, além de atender à exigência do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, o qual solicita uma proposta de intervenção social com o público em que a pesquisa ocorreu.

O documento norteador "Princípios Alfabetizadores" foi constituído com base nos questionários aplicados e nas observações realizadas com as professoras participantes. Nesse sentido, foram destacados seis princípios fundamentais em um processo de alfabetização com uma prática pedagógica significativa e humanizadora. A seguir, trataremos a respeito de cada um desses princípios com maior profundidade.

2. Princípios Alfabetizadores

prin·cí·pi·o (s.m)

3. Em uma área de conhecimento, conjunto de proposições fundamentais e diretivas que servem de base e das quais todo desenvolvimento posterior deve ser subordinado (MICHAELIS, 2023, n.p).

Com base no excerto do dicionário Michaelis (2023), iniciamos as explicações acerca desse documento intitulado "Princípios Alfabetizadores". Nesse sentido, princípios alfabetizadores são um conjunto de ideias que fundamentam o trabalho e a prática pedagógica do professor alfabetizador.

No presente documento norteador, foram elencados seis princípios para uma prática alfabetizadora que tenha como objetivo uma alfabetização significativa, com sentido e humanizada para as crianças. Dito isso, os seis princípios alfabetizadores são:

Imagem 1: Princípios alfabetizadores



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os princípios acima expostos foram traçados a partir das análises dos dados coletados na pesquisa desenvolvida nas escolas públicas do município de Paraí/RS. Durante as observações realizadas nas salas de aula das professoras de 1º e 2º ano, foram percebidas algumas limitações que podem ser superadas tendo esses princípios como base.

Todos os seis princípios se inter-relacionam, nenhum se sobrepondo ao outro, mas se completando.

2.1 Conhecer e definir as concepções de alfabetização

Diferentes concepções estão presentes nas práticas pedagógicas sem que eles necessariamente as percebam. Assim, o trabalho de alfabetização pode ser realizado com o desconhecimento daquilo que o fundamenta. É fundamental destacar que o modo como é concebido o processo de alfabetização pode fazer a diferença de todo o encaminhamento metodológico em sala de aula (PAIM, 2014, p.2).

Notou-se que os sujeitos da pesquisa não compreendem a diferença entre métodos e concepções de alfabetização, pois ao serem questionados a respeito do assunto, responderam que os dois termos (método e concepção) se equivalem.

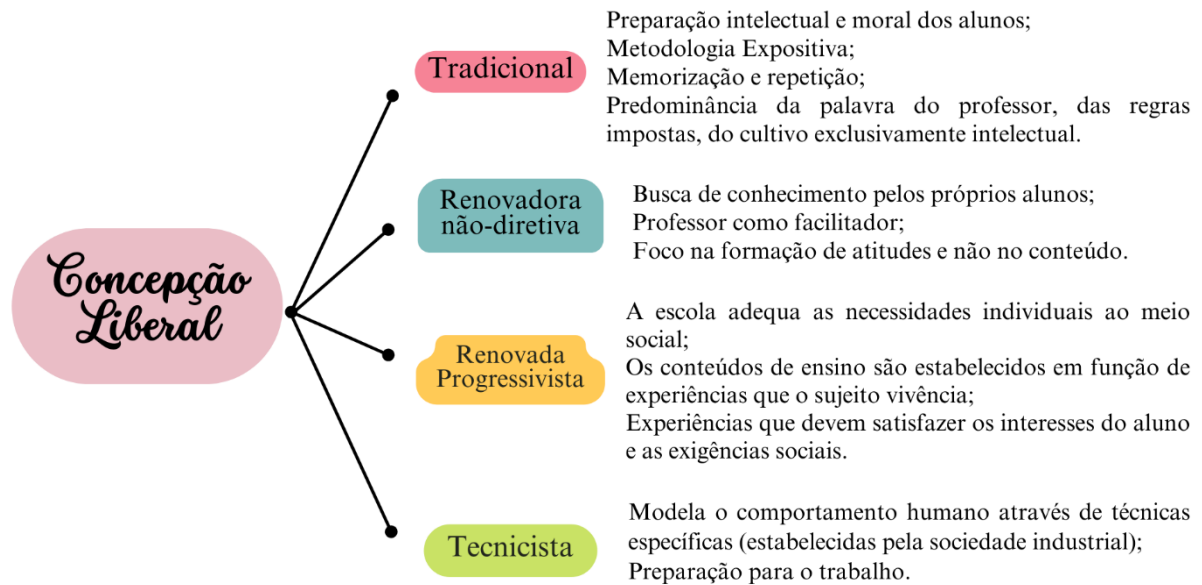
Vale ressaltar que métodos e concepções não são a mesma coisa. Enquanto o método é dividido em sintético e analítico, costuma trazer um passo a passo de como se alfabetiza, as concepções

remetem para os significados pessoais e gerais em torno do processo ensino-aprendizagem, ou seja, interpretações do ensino e do ensinar, da competência e desempenho dos professores, da sua eficácia, da satisfação nas actividades docentes, do melhor método, da aprendizagem, das funções do professor e do aluno e das dificuldades percebidas nas actividades docentes (FIGUEIRA, 2008, p.6).

Em outras palavras, as concepções de alfabetização dizem respeito a uma forma de entender, ver e empregar o processo de alfabetização de modo mais amplo. Nessa perspectiva, predominam duas concepções principais: a liberal e a progressista.

Ambas as concepções surgiram ao longo do tempo, tendo como base as mudanças sociais e políticas que foram ocorrendo. O objetivo aqui é destacar a importância de a professora alfabetizadora conhecer e definir a sua concepção de alfabetização, sem nos alongarmos em detalhes sobre cada tipo de concepção existente. Por isso, citaremos brevemente as concepções existentes, iniciando pelas de cunho liberal. Elas se dividem em quatro tipos, como podemos ver no mapa mental abaixo:

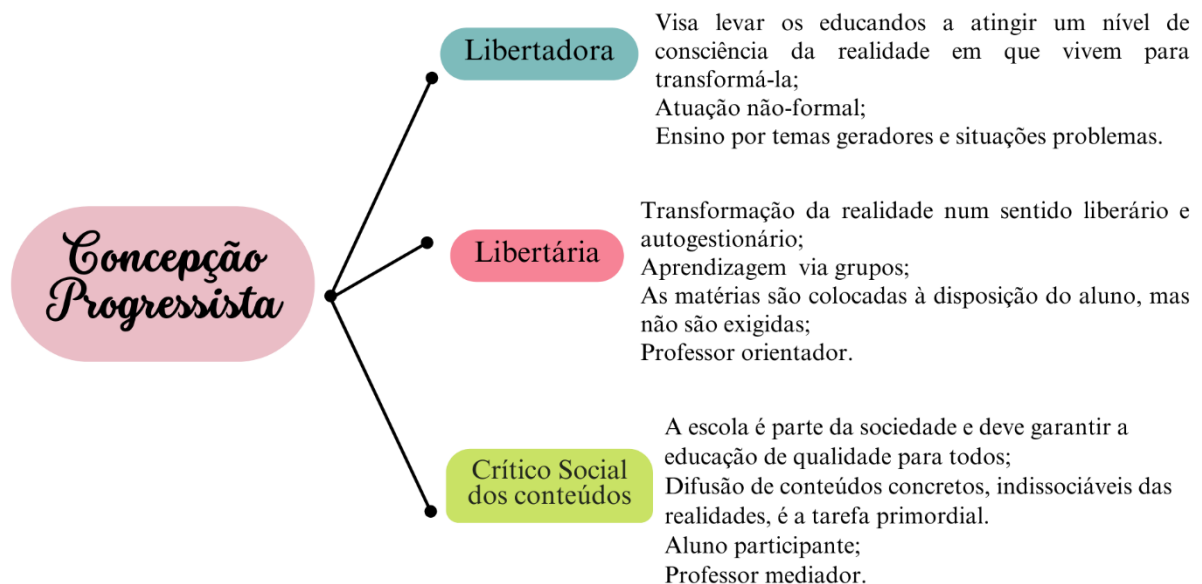
Mapa mental 1: Concepções Liberais



Fonte: elaborado pela autora¹.

Já as concepções progressistas possuem três divisões, que são: libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos. A seguir, há um pouco a respeito de cada uma.

Mapa mental 2: Concepções Progressistas



Fonte: Elaborado pela autora².

¹ Mapa mental elaborado pela autora com base no conteúdo do livro de Libâneo (2006) intitulado "Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos".

² Mapa mental elaborado pela autora com base no conteúdo do livro de Libâneo (2006) intitulado "Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos".

É fundamental que todas as professoras, tanto as que atuam no ciclo de alfabetização como aquelas de outras fases escolares, possuam conhecimento acerca dessas concepções que surgiram e fazem parte da história da educação. Além disso, todo trabalho pedagógico é orientado e fundamentado em alguma dessas concepções, mesmo que o professor não as conheça, conforme se pode perceber na pesquisa realizada.

Um trabalho pedagógico pode ser mais satisfatório e significativo se o professor tiver clareza das suas bases teóricas, ou seja, das suas concepções e métodos. Por outro lado, caso não tenha essa clareza, pode resultar em um ensino que não vá de encontro aos valores e objetivos do professor, isto é, sem possuir uma coerência pedagógica.

LEMBRETE!

Para maior aprofundamento a respeito dessas concepções, indicamos o livro *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos* de José Carlos Libâneo (livro disponível de forma gratuita na internet).

2.2 Conhecer os métodos de alfabetização

Não existe um método que seja totalmente eficaz, mas sim educadores realmente engajados no ato de ensino e aprendizagem, fazendo com que o aluno aprenda e que seja autônomo e crítico, pronto para atuar socialmente (VIANA *et al*, 2017, p.12).

Com base no trabalho de Viana (2017), ressalta-se a importância de conhecer os métodos de alfabetização que foram desenvolvidos ao longo dos anos. Isso não significa que seja necessário adotar apenas um único método para alfabetizar as crianças, mas sim compreender as propostas de cada um deles e construir o próprio método de acordo com a realidade da turma em questão. Nesse sentido, a seguir abordaremos brevemente o método de marcha sintética e marcha analítica.

Ao longo da história da educação brasileira, surgiram diversos métodos de alfabetização, sendo os primeiros os da marcha sintética. Essa abordagem se divide em três métodos: o da soletração/alfabético, o fônico e o da silabação. O método da soletração/alfabético é o mais antigo de todos e possui características específicas:

[...] a partir de vários materiais e de depoimentos de alunos constata-se em sua aplicação uma sequência modelar: a decoração oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas sequências e numa sequência de todo o alfabeto e, finalmente, de letras isoladas. Em seguida a decoração de todos os casos possíveis de combinações silábicas, que eram memorizadas sem que se estabelecesse a relação entre o que era reconhecido graficamente e o que as letras representavam, ou seja, a fala (FRADE, 2007, p.22).

Além desse método, há o método fônico, que traz uma relação do que se escreve com o que se fala, ensinando às crianças primeiro a forma e o som das vogais, para posteriormente ensinar as consoantes e estabelecer relações mais complexas. Segundo Frade (2007, p. 23), “[...] cada letra (grafema) é aprendida como um fonema (som) que junto a outro fonema pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada, segundo a escolha de sons mais fáceis para os mais complexos”.

O último método da marcha sintética é uma aprimoração do método fônico, chamado de método da silabação. Ele se diferencia do método fônico porque, em vez de sua atenção ser voltada para os sons, ela é voltada para a sílaba, o que pode auxiliar os alunos a concretizarem mais rápido a relação entre fala e escrita (FRADE, 2007, p. 24). Nesse sentido

[...] geralmente é escolhida uma ordem de apresentação, feita segundo princípios calcados na idéia “do mais fácil para o mais difícil”, ou seja, das sílabas “simples” para as “complexas”. Em várias cartilhas dos métodos silábicos geralmente são apresentadas palavras-chave, utilizadas apenas para apresentar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são recompostas para formar novas palavras e frases, apenas com as sílabas estudadas (FRADE, 2007, p.27).

No que se refere à escrita, ela se limitava à caligrafia e à ortografia, através de metodologias como cópia (de letras, palavras e frases), ditados e a construção de frases (MORTATTI, 2006).

Algum tempo depois, em 1876, ocorreu uma mudança significativa nos métodos de alfabetização com a publicação em Portugal da Cartilha Maternal ou Arte da Leitura, escrita pelo poeta português João de Deus. Esse método ficou conhecido como "método João de Deus" ou "método da palavração" (MORTATTI, 2006). Diferente dos métodos tradicionais até então empregados, o método da palavração baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras (MORTATTI, 2006, p. 6). Apesar de suas inovações, esse método encontrou resistência por parte de algumas professoras, que ainda mantiveram e defenderam o método sintético.

A partir da primeira década republicana, as professoras da escola normal gradualmente passaram a defender o método João de Deus (métodos de marcha analítica) e, através das "missões de professores", disseminaram esse método para outros estados brasileiros (MORTATTI, 2006). Os métodos analíticos visavam atuar na compreensão da leitura e escrita, iniciando do "todo" e depois seguindo para a "parte", ou seja, operavam no sentido inverso ao método sintético (MORTATTI, 2006).

O método analítico se subdividia em três métodos: o da palavração, o da sentenciação e o global de contos e historietas. Nesse sentido, o método da palavração consistia em começar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir das letras e de seus valores fonéticos (MORTATTI, 2006, p. 6). Segundo Frade (2007, p.26)

Geralmente, na palavração, as palavras são apresentadas em agrupamentos e os alunos aprendem a reconhecê-las pela visualização e pela configuração gráfica. Os defensores dessa memorização pelo perfil gráfico acreditavam ser essa estratégia cognitiva algo “natural” no ser humano. Em suas aplicações, as figuras podem acompanhar as palavras, no início do processo, e sua repetição garante a memorização. Ao mesmo tempo em que são incentivadas estratégias de leitura inteligente, a atenção do aluno pode ser dirigida a detalhes da palavra como letras, sílabas e sons.

Entretanto, o criador do método da palavração não aprovava o uso de imagens unidas às palavras; tanto que em sua cartilha há algumas listas de palavras que deveriam ser ditas e compreendidas anteriormente, num processo oral (FRADE, 2007). Outro método do grupo analítico é o método da sentencição, onde o elemento primordial é a sentença, que depois de reconhecida e compreendida plenamente, era decomposta em palavras e, posteriormente, em sílabas (FRADE, 2007). Para a aplicação desse método, normalmente as professoras utilizavam como estratégia a comparação de palavras conhecidas, realizando o isolamento dos elementos constituintes e construindo a partir desses novas palavras (FRADE, 2007).

Como último método do conjunto analítico, temos o método global de contos e historietas, que consiste na unidade de análise inicial do texto. A partir do exposto, compreende-se que esse método “[...] parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e ‘lido’ durante um período, para o reconhecimento de sentenças, seguido do reconhecimento de expressões (porções de sentido), de palavras e, finalmente, das sílabas” (FRADE, 2007, p. 27). Vale ressaltar que não era um processo que ocorria quase que concomitantemente, mas que havia um tempo entre uma aprendizagem e outra, onde o processo ocorria a partir de lições e que só se passava para a decomposição após o aluno ter tido a compreensão total do texto (FRADE, 2007, p. 28).

LEMBRETE!

Para maior aprofundamento a respeito do assunto indicamos o artigo de Maria Rosário Longo Mortatti (2006), intitulado *História dos Métodos de Alfabetização no Brasil*.

2.3 Conhecer e aplicar metodologias diversificadas

É importante, portanto, que a escola provoque constantemente a curiosidade do educando e, através do uso de diversas metodologias colabore para que o aluno participe efetivamente de um processo orgânico de produção de conhecimento (BONDAN, 2014, p.5-6).

Adotar metodologias diversificadas durante a alfabetização proporciona aos alunos experiências dinâmicas em que eles se tornam o centro da aprendizagem. Nesse sentido, um ensino significativo requer propostas pedagógicas diferenciadas e não uma estabilidade, em que todos os dias o professor aplica as mesmas abordagens, na mesma ordem, com o mesmo objetivo.

Propostas pedagógicas que diversificam suas estratégias proporcionam ao aluno um ensino dinâmico, carregado de motivação e interesse. Segundo Marques (2019, p. 17): “O aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, demonstrando envolvimento com o processo de aprendizagem; ele participa com entusiasmo nas tarefas e revela disposição para novos desafios”, o que é essencial para uma aprendizagem significativa e prazerosa.

O professor que conhece e faz uso de metodologias variadas desperta no aluno um interesse pelo aprender, potencializando o processo de alfabetização. Imagine ir para a escola e ser surpreendido pela professora com uma proposta inovadora e diferente todos os dias? Você não se animaria em estudar? Em ir para a escola todos os dias? Nessa perspectiva,

As metodologias diversificadas surgem como uma alternativa para facilitar a construção do conhecimento, através delas o professor pode levar os conteúdos complexos ao aluno de forma mais acessível. Elas oferecem aos alunos uma gama maior de oportunidades e caminhos para assimilação do conteúdo, uma vez que cada pessoa possui suas próprias particularidades no momento da aprendizagem (SENA; SANTOS, 2018, p.1).

Em outras palavras, a utilização de diferentes metodologias possibilita maiores oportunidades de fixação do conteúdo e, conseqüentemente, facilita a construção do conhecimento. De acordo com Silva e Neto (2014, p. 7), o estudante que tem acesso a uma gama de metodologias aprende com mais facilidade os conteúdos ministrados pela professora, devido ao caráter dinâmico e enriquecedor que elas possuem. Além disso, os autores supracitados também comentam que

se o aluno não se interessa em aprender, é impossível a realização de um trabalho efetivo por parte do corpo docente no sentido de proporcionar-lhe conhecimentos,

assim como, percebe-se a necessidade desse conhecimento ser direcionado para o desenvolvimento das capacidades criativas do estudante, possibilitando a sua reutilização na vida dos mesmos (SILVA; NETO, 2014 p.7).

Tendo isso em mente, o uso de diferentes metodologias para a construção da alfabetização é importante e colabora para uma aprendizagem significativa e prazerosa.

2.4 Conhecer a realidade do aluno

“Ninguém chega lá partindo de lá, mas daqui” (FREIRE; MACEDO, 2021, p.80).

Em uma sala de aula, a professora não possui apenas uma criança para ser alfabetizada; ela tem dez, vinte, trinta crianças. Será que todas elas são iguais? Vêm da mesma cidade, estado ou país? Possuem a mesma cultura? Seus pais têm os mesmos valores e princípios familiares? Toda professora que vive na escola sabe que as respostas para essas perguntas são não. Cada criança tem sua individualidade, sua subjetividade. Então, por que muitas professoras tratam todos como se viessem do mesmo lugar? Possuindo as mesmas experiências?

Essas perguntas surgem a partir dos resultados da pesquisa de campo realizada nas escolas públicas de Pará/RS com professoras do 1º e 2º ano. Os resultados apontam que, das onze participantes, apenas três conhecem a realidade de seus alunos e, dessas, apenas uma leva em conta essa realidade durante o processo de alfabetização. Quando a professora não se interessa em conhecer a realidade da criança que está em sua sala de aula, ela ensina da mesma forma para todos, deixando assim subentendido que considera todas provenientes da mesma realidade.

É importante, para uma alfabetização significativa, que o professor procure conhecer as vivências e experiências de vida de seus alunos. Já é praxe que, na primeira semana de aula, os professores façam atividades típicas para levantar o conhecimento prévio das crianças, mas não é apenas o conhecimento prévio que contribui e deve ser levado em conta durante a aprendizagem.

Tanto o conhecimento prévio das crianças quanto suas experiências de vida devem ser levados em conta durante a aprendizagem, e ambos fazem parte do que chamamos de realidade da criança, ou como Freire chama, de leitura do mundo. De acordo com o autor supracitado,

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura

crítica implica a percepção das relações entre texto e o contexto (FREIRE, 1989, p.19-20).

A leitura do mundo refere-se a todo conhecimento anterior à alfabetização que a criança traz para a sala de aula, suas experiências de vida e os estímulos recebidos por meio da família. Antes mesmo de ingressarem no 1º ano do ensino fundamental, os alunos já têm contato com as letras em diversos contextos, como em livros, cartazes, revistas, encartes de mercado, jornais, computadores e celulares. Portanto, é essencial levar em consideração a leitura do mundo durante o processo de alfabetização, para que esse processo tenha sentido e significado para as crianças.

Galvão e Soares (2004, p.43) ao comentarem sobre Paulo Freire, apresentam que

O saber e a cultura populares são valorizados e o analfabeto considerado produtor de conhecimentos: a educação deveria ser, assim, dialógica e não bancária. Por isso, Paulo Freire propunha que, em lugar das cartas do ABC ou das cartilhas, a própria realidade do educando estivesse no centro do processo de alfabetização. A partir do conhecimento dessa realidade, o educador selecionaria algumas palavras – denominadas geradoras – que pudessem desencadear um processo de problematização dessa mesma realidade e as formas de superá-la e, ao mesmo tempo, servissem como ponto de partida para o ensino dos padrões silábicos da língua.

Em outras palavras, o ensino deve ser desenvolvido a partir da realidade do aluno. Reflitamos sobre nossas próprias experiências de vida quando estávamos nos formando como professoras, e a professora em questão apresentava um conteúdo utilizando exemplos que partiam de nossos próprios conhecimentos, vivências e realidades. Não era mais fácil de compreender? Tenho certeza de que você pode se lembrar de um desses momentos de aproximação com o professor e também do conteúdo em questão.

O ensino que parte da realidade do aluno é mais eficaz, pois cria um ambiente de aprendizagem significativo e relevante para os estudantes. Ao utilizar exemplos e situações que fazem parte da vivência dos alunos, o professor consegue estabelecer uma conexão mais forte com eles, tornando o conteúdo mais acessível e compreensível.

Quando os educadores levam em conta a realidade dos alunos, reconhecendo suas experiências, conhecimentos prévios e contexto social, estão proporcionando uma educação mais inclusiva e personalizada. Isso ajuda a despertar o interesse dos estudantes, motiva sua participação e facilita a internalização dos conhecimentos.

Utilizar a realidade dos alunos durante a alfabetização é fundamental para que a aprendizagem de fato ocorra e promova o desenvolvimento pleno das habilidades e competências de cada um. Nessa perspectiva, a realidade do sujeito deve ser levada em

consideração sempre, pois toda educação precisa ter como base a realidade social em que cada indivíduo participante está inserido.

LEMBRETE!

Para maior aprofundamento a respeito do assunto indicamos a leitura do livro de Paulo Freire e Donaldo Pereira Macedo (2021) intitulado *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*.

2.5 Função docente como mediador

O desempenho da função mediadora presume a intencionalidade de fazer a ponte no processo de aprendizagem. A função do suporte necessário fornecido pelo professor deve conduzir o aluno ao exercício de sua autonomia (LIMA; GUERREIRO, 2019, p.6).

O conceito ultrapassado de tratar o papel do professor como mero transmissor de conteúdos e o do aluno como mero receptor não condiz com uma educação transformadora. Nesse sentido, enxergar o docente como mediador do conhecimento permite que o aluno participe ativamente da construção de sua aprendizagem.

Ao afirmar que a função do professor é mediar o processo de ensino e aprendizagem, não estamos diminuindo a importância do papel docente. Ser mediador não é uma tarefa simples; a professora continua tendo um papel essencial, mas não é mais o centro absoluto do conhecimento, como propõe o conceito tradicional de aprendizagem.

O professor mediador oferece a oportunidade para as crianças serem protagonistas de sua aprendizagem. Ele atua como intermediário entre os alunos e o conhecimento, orientando-os na construção de suas próprias aprendizagens (BOPP, 2013, p.12). Além disso, incentiva gradualmente o desenvolvimento da autonomia dos alunos, para que se apropriem da responsabilidade de realizar as atividades propostas, compreendendo sua importância e sem o receio de serem repreendidos por um professor autoritário (BOPP, 2013).

A abordagem do professor como mediador possibilita uma maior interação e diálogo entre docente e discente, criando um ambiente propício para o desenvolvimento da curiosidade, da criatividade e do pensamento crítico. Essa relação horizontal entre professor e aluno fomenta a construção do conhecimento de forma colaborativa, estimulando o protagonismo dos estudantes em sua própria aprendizagem.

Outro aspecto relevante da abordagem mediadora é o estímulo à reflexão crítica sobre os conteúdos apresentados. O professor deve incentivar os alunos a questionarem, debaterem e construir argumentos sólidos a partir das informações recebidas, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos na sociedade.

Portanto, a figura do professor mediador é de extrema importância para uma educação transformadora e significativa, na qual os alunos se tornam sujeitos ativos na construção do próprio conhecimento e no desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades. Essa abordagem favorece o aprendizado ao torná-lo mais envolvente, motivador e relevante para a vida dos estudantes.

O papel do professor mediador é proporcionar uma aprendizagem em que a criança seja o centro, considerando sua realidade e levando-a em conta durante o processo de construção do conhecimento. Por isso, esse é um princípio alfabetizador imprescindível.

2.6 Proporcionar o aluno como protagonista

Se queremos uma escola libertadora, é absolutamente decisivo que os alunos assumam seu papel de sujeitos, que sejam protagonistas do seu processo de educação, superando a longa tradição da maquinaria escolar que tenta, de todas as formas, ainda que com a melhor das boas intenções, reduzi-los a meros 'receptáculos' (VASCONCELLOS, 2008, p. 77).

A partir do excerto de Vasconcellos (2008), salienta-se a importância de as crianças serem protagonistas do seu processo de alfabetização. Mas o que entendemos por protagonismo infantil? O protagonismo infantil é compreendido como o entendimento da criança como alguém "capaz de participar com autonomia de seus próprios processos de ensino e de aprendizagem" (SCHNEIDER, 2015, p.10). Além disso, a criança é vista como um sujeito potente, capaz de se comunicar e se relacionar com o mundo a sua volta (SCHNEIDER, 2015).

É importante destacar que dar oportunidade de participação durante as atividades diárias não é o mesmo que oferecer uma aprendizagem com protagonismo infantil. Batista, Sampaio e Paula (2020, p.8) destacam que é necessário tomar cuidado para não reduzir o protagonismo infantil apenas a uma participação em uma atividade, mas compreender que o aluno deve ter uma atuação ativa em todos os momentos escolares. Ademais,

As crianças precisam ser reconhecidas e respeitadas como parceiras do professor na construção do trabalho a ser realizado com elas na sala de aula, a fim de que possam protagonizar a construção de suas aprendizagens a partir dos próprios interesses. Ouvir as crianças e percebê-las como potentes não significa "fazer as suas vontades", deixando à mercê delas a condução da sala de aula. Significa importar-se com o que lhes importa, mantendo uma relação de diálogo e respeito para a construção de um Protagonismo responsável, coparticipativo, baseado na cumplicidade entre as partes (SCHNEIDER, 2015, p.28).

Tendo isso em mente, atualmente há uma enorme cobrança por profissionais proativos em qualquer área de atuação e muitas queixas em relação à quantidade de candidatos que não possuem essa característica considerada indispensável. De acordo com Santos (2009, p.10), "a proatividade tem se mostrado determinante para o sucesso das organizações, pois o trabalhador

busca, espontaneamente, exercer comportamentos extra-papéis, visando mudanças no seu ambiente de trabalho e, assim, solucionar e antecipar-se aos problemas".

Como podem pessoas adultas possuir qualidades que nunca foram exercitadas? Se durante todos os anos de ensino escolar, as crianças são silenciadas e só são elogiadas se seguirem a resposta padrão? A proatividade, a participação e o protagonismo são qualidades a serem exercidas desde a base, ou seja, desde a educação infantil e perpassando por todos os outros níveis de ensino.

Práticas em que a criança tem voz ativa na construção do conhecimento fazem com que os alunos se sintam envolvidos, comprometidos e interessados em aprender, tornando, assim, as aulas significativas e prazerosas (BATISTA; SAMPAIO; PAULA, 2020, p.7).

Segundo Marcomini e Costa (2021, p.105)

É importante que no processo educativo o aluno seja considerado como criador do conhecimento e não apenas como consumidor, dessa forma permite-se que a criança pense sobre a linguagem e se torne um sujeito reflexivo que cria, elabora e reelabora suas produções textuais.

Isto é, a alfabetização das crianças deve ser realizada tendo a criança como sujeito ativo, com voz e vez em sala de aula. Ao permitir que o aluno tenha participação ativa na construção do conhecimento, as práticas pedagógicas se tornam mais significativas e envolventes. Isso contribui para que o processo de alfabetização seja mais efetivo e prazeroso, promovendo uma aprendizagem mais significativa e duradoura. Dessa forma, o aluno é incentivado a desenvolver a proatividade, a autonomia e a capacidade de resolver problemas, tornando-se um sujeito crítico, capaz de participar com autonomia de seus próprios processos de ensino e aprendizagem.

Considerações finais

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2004, p. 21).

Ao chegarmos ao término deste documento, é relevante enfatizar algumas considerações. Primeiramente, é gratificante constatar que alcançamos nosso objetivo de estabelecer princípios alfabetizadores que possam auxiliar as professoras alfabetizadoras de Paraí/RS em sua prática educacional. Os seis princípios aqui elencados foram cuidadosamente desenvolvidos com base na realidade das turmas de 1º e 2º ano do município de Paraí/RS, porém, são aplicáveis a todas as turmas do ciclo de alfabetização, oferecendo direcionamentos valiosos para um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

É fundamental ressaltar que este documento possui uma natureza norteadora, o que significa que suas ideias e sugestões podem promover melhorias substanciais na alfabetização das crianças quando colocadas em prática nas salas de aula. A valorização da individualidade de cada aluno, bem como o estímulo à sua participação ativa no processo de aprendizagem, são aspectos essenciais para alcançar uma alfabetização significativa e prazerosa.

Acreditamos que o engajamento do professor na aplicação dos princípios alfabetizadores aqui apresentados pode resultar em uma experiência educacional enriquecedora para todos os envolvidos. Agradecemos, portanto, ao leitor, que dedicou seu tempo para percorrer estas páginas e esperamos sinceramente que possa fazer uso dessas diretrizes na sua sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento pleno e satisfatório dos alunos.

Referências

BATISTA, Bruna Dayane Valadares; SAMPAIO, Karine Christina Corrente; PAULA, Vasti Gonçalves de. **O protagonismo como princípio favorecedor na Educação da primeira infância**. 2020. Disponível em: <http://dspace.doctum.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/3607>. Acesso em: 06 jul. 2023.

BONDAN, Kátia Simoni Martins. Metodologias diversificadas para o ensino de História: cotidiano, formas de vestir, comer e narrar na antiguidade romana. **Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE: Produções Didático-Pedagógicas**, Paraná, v. 2, p. 1-13, 2014.

BOPP, Thales Rodrigo. **Professor Mediador: gerando interesse no aprendizado de botânica em estudantes do ensino médio**. 2013. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FIGUEIRA, Ana Paula Couceiro. A concepção do processo ensino-aprendizagem e a percepção dos resultados: Análise das (in)congruências ao nível das orientações epistemológicas (resultados comparativos numa amostra de professores de Português, Matemática e Inglês). **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 13, jul. 2008.

FRADE, I. C. A. da S. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Educação**, [S. l.], v. 32, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/658>. Acesso em: 2 set. 2022.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 7ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004

GALVÃO, Ana Maria; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges; LEAL, Telma Ferraz (Org.). A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.27-58.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA, Miriam Bastos Reis Maia; GUERREIRO, Elaine Maria Bessa Rebello. Perfil do professor mediador: proposta de identificação. **Educação (UFSM)**, [S.L.], v. 44, p. 1-27, 12 mar. 2019. Universidade Federal de Santa Maria.

MARCOMINI, Yara de Oliveira; COSTA, Jace Mari. Uma análise do decreto nacional de alfabetização: reflexões acerca do método fônico. **Working Papers em Linguística**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 96-120, 21 maio 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

MARQUES, Aline Rosa Lopes. **Motivação para aprender**: como a motivação afeta a aprendizagem na escola. 2019. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Avaré, 2019..

MICHAELLIS (ed.). **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/principio/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006.

PAIM, Marilane Maria Wolff. **Alfabetização e letramento**: um estudo sobre as concepções que permeiam as práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores. X Anped Sul, Florianópolis, p. 1-13, out. 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1755-0.pdf. Acesso em: 30 jun. 2023.

SANTOS, Patrícia de Mendonça. **Comportamento Proativo e valores organizacionais em uma Instituição Pública do Distrito Federal**. 2009. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009.

SCHNEIDER, Mariângela Costa. **O protagonismo infantil e as estratégias de ensino que o favorecem em uma turma da Educação Infantil**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ensino, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015.

SENA, Brenda Letícia; SANTOS, Solange Xavier dos. Metodologias diversificadas como estratégias para o ensino de Micologia na Educação Básica. In: congresso de ensino, pesquisa e extensão da ueg, 5., 2018, Goiás. **Anais**. Goiás: Unb, 2018. p. 1-5

SILVA, Luzinete Maria Da, NETO, José Rodrigues de Mesquita. **O uso de recursos didáticos diversificados para dinamizar o processo educativo**. Anais V SETEPE. Campina Grande: Realize Editora, 2014.

VASCONCELLOS, C.S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico**: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. Libertad, 2008.

VIANA, Adenize da Silva *et al.* Alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: do método tradicional à proposta sociolinguística. **Educação, Gestão e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 26, p. 1-13, jun. 2017.